

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O 5 DE OUTUBRO JORNADA DE UNIDADE ANTI-SALAZARISTA

As manifestações do 5 de Outubro em Lisboa e noutros pontos do país, apesar das proibições e do aparato repressivo montado pelo governo, forneceram mais uma prova de que o nosso povo não se sente derrotado depois da burla eleitoral de 8 de Junho.

O povo português quer um governo sem Salazar, um governo que resolva os seus problemas imediatos mais agudos e mostra-se firmemente disposto a todos os sacrifícios para o conseguir.

Não só isso; o nosso povo exige a Unidade de todas as correntes da oposição, sem discriminações de esquerda ou de direita, e em primeiro lugar das forças democráticas, em torno dum programa comum de acção que permita mobilizar a imensa força do povo num impulso decisivo contra o regime salazarista.

É isto que é preciso concluir mais uma vez das manifestações populares do 5 de Outubro.

As comemorações em Lisboa

Em Lisboa, único local onde o governo permitiu as comemorações, milhares de pessoas acorreram à romagem do Alto de S. João e à concentração junto ao monumento de António José de Almeida. O governo mobilizou a PIDE, a GNR e a PSP que agiram com as costumadas brutalidades e provocações contra o povo, principalmente as duas primeiras. A GNR em «jeeps» armados de metralhadoras atirava os carros para cima da multidão e junto ao monumento quando o General Humberto Delgado depunha um ramo de flores, lançou mesmo várias bombas, que

a imprensa disse serem lacrimogénias mas que na verdade continham anidrido sulfuroso que provocaram princípios de asfixia às pessoas atacadas entre as quais dois guardas da PSP.

No cemitério do Alto de S. João a PIDE mandou encerrar os portões à saída dos manifestantes deixando aberta apenas uma pequena porta afim de dispersar o povo e impedir a concentração no monumento ao Dr. A. J. de Almeida. Este objectivo não foi atingido porque mais alguns milhares de pessoas se concentraram junto do monumento. Tanto no cemitério como no monumento o povo cantou a Portuguesa, deu vivas à liberdade

O GENERAL DELGADO JÁ NÃO SAIRÁ DO PAÍS

O governo de Salazar tentou exilar do país o General Humberto Delgado, o Presidente da República que a Nação escolheu nas eleições de 8 de Junho. Salazar tentou assim privar a Oposição dum dirigente combativo que uniu à sua volta a maioria dos portugueses.

Porém, a reacção popular contra esta ordem de exílio começou logo durante as manifestações do 5 de Outubro e continuou através de acções de protesto junto do governo. Ao mesmo tempo a imprensa estrangeira tornou conhecida do mundo esta vil maquinação.

Perante os protestos populares e temendo as consequências do seu acto o Governo recuou. Entretanto, ao General Delgado foi

arbitrariamente fixada a residência em Lisboa. Proibiram-no de se deslocar a uma tourada em Vila Franca de Xira onde milhares de pessoas o aguardavam para o vitoriar. A PIDE agora acompanha todos os seus passos, ocupa nas salas de espectáculo que ele frequenta os lugares mais próximos donde dirige insultos e provocações ao insigne português e às pessoas de família que o acompanham.

Entretanto, o movimento que se criou à volta do General Delgado é suficientemente forte para o defender das arbitrariedades e provocações ordenadas por Salazar se o ilustre oficial se mantiver sempre estreitamente ligado ao povo. Sabemos que inúmeras delegações o têm visitado e manifestado a sua solidariedade. Novos protestos não deixarão de verificar-se até que cessem as perseguições e violências contra o candidato do povo.

e à Democracia e vitoriou com entusiasmo o general Humberto Delgado.

Participaram nestes actos comemorativos delegações de vários pontos do país. A uma delegação da margem sul do Tejo, guardas da PSP, por ordem da PIDE, tiraram a bandeira nacional, cometendo assim — como disse um dos guardas — «a vergonha de tirar a bandeira portuguesa das mãos de portugueses».

No Porto e noutros pontos do País

Apesar da proibição do governo (continua na 2.ª pág.)

A CLASSE CORTICEIRA LUTA CONTRA O DESEMPREGO E A FOME A VITÓRIA JÁ ALCANÇADA É INSUFICIENTE

Como salientávamos no último número do «Avante» a crise na indústria corticeira ameaça reduzir à fome milhares de operários e suas famílias.

Desde o dia 27 de Agosto, data em que a Mundet anunciou que ia rever o quadro do pessoal e fazer despedimentos em 15 de Outubro, no que foi seguida por várias outras empresas, que a valente classe corticeira da Margem Sul do Tejo luta pelo seu pão, pelo aumento de salários, pela solução da crise da cortiça através da abertura de novos mercados.

A luta mobilizou os operários de todas as fábricas corticeiras do Seixal

Logo no dia 27 cerca de 200

operários da secção da prancha da fábrica da Mundet, entre os quais alguns com 40 anos de casa, envolveram o gerente da secção reclamando contra os despedimentos. No dia 2 de Setembro, concentraram-se junto dos escritórios da empresa cerca de 800 homens e mulheres e no dia seguinte mais de 1.500 para exporem as suas reivindicações. Soube-se que o governo impedira a exportação duma grande quantidade de produtos de cortiça para os países do Leste da Europa o que estava na causa imediata dos despedimentos. No dia 4 cerca de 200 operários foram ao sindicato acompanhando uma comissão representativa de todas as fábricas corticeiras locais, ao mesmo tempo que outra comissão de 4 encarregados se dirigia à sede de Lisboa para, em nome de todos os encarregados, pedir a anulação da ordem de despedimentos.

No dia 9 uma comissão do Seixal e da Amora, acompanhada pelo presidente do Sindicato, avistou-se com o sub-delegado do INT a quem solicitou que intervisse junto do ministro das Corporações afim de serem sustadas as ordens de despedimento e resolvido o problema do aumento de salários. Também no dia 8 se reuniram no sindicato do Seixal os presidentes dos sindicatos do Seixal, Montijo, Barreiro e Almada com uma comissão de 10 operários (homens e mulheres) depois do que aqueles dirigentes sindicais decidiram apoiar as acções dos trabalhadores.

Centenas de operários em luta na Amora

Também aqui no dia 3 de Setembro se concentraram na gerência da Mundet local cerca de 400 operários reclamando que não se

fizessem despedimentos. No dia 4, depois de nova concentração na gerência uma comissão de operários da Amora, acompanhada pelo presidente da Junta de Freguesia local, cuja presença conseguiram, dirigiram-se à Câmara do Seixal onde se avistaram com o presidente.

No Barreiro e Alhos Vedros os operários defendem as suas reclamações

No dia 15 de Setembro, cerca de 80 operários e operárias concentraram-se no sindicato para exigir uma acção da direcção contra os despedimentos. Depois de outras reuniões em que participaram mais de 160 trabalhadores, no dia 25 concentraram-se no sindicato cerca de 200. Ainda nesse dia se avistaram com o vice-presidente da Câmara do Barreiro a quem pediram a intervenção do governo.

No dia 26 uma comissão de 20 operários voltou a falar com o vice-presidente da Câmara e com o sub-delegado do INT de Setúbal que lhes garantiu que não ficavam sem trabalho.

Múltiplas acções dos corticeiros no Montijo

No dia 27 de Agosto, cerca de 40 operários da Infal concentraram-se nos escritórios da empresa afirmando que se recusariam a acatar quaisquer ordens de despedimento. No dia 3 de Setembro, cerca de 50 operários desta fábrica foram ao sindicato reclamar contra a decisão da gerência. Nos dias 15 e 16 voltaram ao sindicato comparecendo mais de 70 trabalhadores (mais de metade mulheres). Uma comissão acompanhada do funcio-

(continua na 3.ª pág.)

MORREU MARIA MACHADO HEROÍNA DO NOSSO POVO

No dia 4 de Outubro extinguiu-se a vida da nossa querida camarada Maria Machado.

Maria Machado foi um verdadeiro símbolo da abnegação, coragem e heroicidade dos comunistas.

Professora primária, foi afastada do ensino pelo salazarismo quando dirigia uma escola para os filhos dos ferroviários em Campolide. Presa pela primeira vez em 1936, na Liga Esperantista Ocidental, viu a polícia encerrar a sede daquele agrupamento popular e maltratar as crianças que ela leccionava gratuitamente. Acusada de comunista fez da sua defesa uma acusação cerrada ao regime fascista, desmascarando a polícia e a criminosa ajuda então prestada por Salazar a Franco. Libertada depois de longos meses e novamente perseguida pela polícia, Maria Macha-

do encontrou a ajuda dos proletários de Lisboa que lhe deram guarda nos seus lares e a defenderam das garras do inimigo.

Obreira do «Avante» durante mais de 4 anos e mais uma vez presa na tipografia clandestina onde ele era feito, em Barqueiros (Alvaizere) no ano de 1945, Maria Machado sacrificou-se abnegadamente para que os dois restantes camaradas da tipografia pudessem evadir-se da casa cercada pela GNR.

Nesta altura, quando era conduzida sob prisão pelas ruas da localidade, foi falando ao povo de Barqueiros, emocionado pela sua valentia, no papel do «Avante» e porque lutavam os comunistas. Uma vez na PIDE, submetida a longos interrogatórios, declarou sem-

(continua na 2.ª pág.)

(continuação da 1.ª pág.)

o 5 de Outubro foi comemorado em vários pontos do país.

No Porto cerca de 300 pessoas compareceram no cemitério do Prado em romagem aos túmulos dos combatentes da República e depois alguns milhares concentraram-se junto da residência do Sr. Bispo do Porto numa significativa demonstração depois da corajosa atitude anti-salazarista tomada por aquele prelado. No próprio cemitério, a PIDE prendeu o democrata Dr. Guedes Pinheiro somente por pedir um minuto de silêncio em homenagem aos mortos do 5 de Outubro.

Em Beja, Aveiro, Braga, Leiria, Viseu e em muitas localidades dos arredores de Lisboa, margem sul do Tejo, do Oeste e do distrito do Porto o povo comemorou o 5 de Outubro, queimando fogo de artifício, exibindo a bandeira nacional e visitando os túmulos dos republicanos e anti-salazaristas mortos. Nalgumas localidades como em Torres Vedras, os democratas reuniram-se em jantares e fizeram sair bandas de música pelas ruas.

Todas estas manifestações tiveram um cunho eminentemente popular, de unidade anti-salazarista, cujo significado deve ser retido.

A unidade é um imperativo da Nação

Efectivamente, a causa da Democracia e da Independência Nacional exige cada vez mais a Unidade de todos os anti-salazaristas, e em primeiro lugar das forças democráticas, para afastar Salazar do Poder e abrir o caminho para a democratização do país.

A oposição a Salazar conquistou posições muito importantes que é necessário consolidar para podermos avançar para novas conquistas. Tenhamos confiança na força do nosso povo e saibamos mobilizá-la na direcção conveniente. Foi a força do movimento popular que cavou profundas brechas nos fundamentos do regime e o obrigou a manobrar desesperadamente para sobreviver. Foi ela que impediu, por exemplo, o exílio do General Humberto Delgado, recentemente decretado pelo governo de Salazar.

Como muito justamente escreveu o Sr. eng. Cunha Leal no «República»: «O povo tomou consciência da ineficácia da sua força e adquiriu a convicção de que soube demonstrar ao regime o grau da sua fraqueza».

Será também a acção das massas populares o que permitirá realizar no país as mudanças essenciais que o nosso povo reclama.

A Unidade é um verdadeiro imperativo da Nação e é, quer se queira quer não, a única via para derrotar Salazar e levar à formação do governo que a imensa maioria dos portugueses deseja ver à frente do seu país.

O Partido Comunista não tem propósitos de chefia

Maus políticos serão, pois, os anti-salazaristas das correntes mais moderadas, se se fixarem na ideia perniciosa de que a Unidade é uma manobra táctica dos comunistas para conseguirem objectivos particularistas.

Nós sabemos que o governo salazarista manobra activamente para reduzir à sua expressão mais simples o poderoso movimento popular anti-salazarista, para o transformar numa oposição inofensiva, «pequena e pouco barulhenta», e assim garantir uma hipotética eternização no Poder. Sabemos que o governo entrou em contacto com algumas individualidades oposicionistas e que procura negociar nas costas do povo «concessões» que seriam uma verdadeira abdicação de posições das forças da oposição.

Trata-se dum hábil tentativa de amarrar de pés e mãos a oposição afim de manter intactas as instituições do regime. Salazar disse-o claramente ao enviado especial do «FIGARO». No seu regime tudo está bem, nada há que modificar... Nem a censura, nem a repressão, nem a falta de liberdades. Não é assim claro que o anti-comunismo agitado pelo governo salazarista se destina a dividir a oposição e a possibilitar-lhe a reconquista das suas posições perdidas? Não as forças oposicionistas prestar-se a uma tal abdicação?

Se o preconceito anti-comunista não fôr banido decididamente pelos democratas não comunistas não há dúvida de que esse perigo real existe, com todas as suas consequências para a sorte do nosso povo.

Como se diz no manifesto da comissão Política, de 10 do mês corrente, «A tentativa de isolar os comunistas e outras forças democráticas de esquerda será uma tentativa vã que estará mais uma vez condenada ao fracasso». O Partido Comunista não pode ser isolado porque baseia toda a sua acção nas amplas massas e no interesse das amplas massas. Mas os prejuízos da divisão da Unidade seriam nefastos para a causa anti-salazarista e para a Nação.

O Partido Comunista não tem quaisquer propósitos de chefia. Não confundamos duas coisas distintas. Uma é que o Partido Comunista é o Partido da classe operária, a classe mais progressiva da nação, aquela que é historicamente chamada a conduzir os destinos do povo. Outra, é o carácter dum coligação anti-salazarista que tem objectivos limitados, embora neste momento fundamentais, e na qual o Partido Comunista não tem quaisquer aspirações de chefia.

Se algumas vezes os comunistas tomam a iniciativa dum acção determinada que interessa a todos os anti-salazaristas é porque não se conformam com a inércia política, que é sempre mortal para a causa popular.

É porque assim pensamos e agimos que neste momento apoiamos inteiramente, com toda a força de massas do nosso Partido, os esforços do Sr. General Humberto Delgado, do Sr. Dr. Arlindo Vicente e doutros anti-salazaristas para reanimar o movimento legal da oposição, para organizar a luta contra a censura, pela amnistia e pela marcação dum nova data para as eleições das Juntas de Freguesia em condições que permitam a larga participação da oposição.

Ao mesmo tempo a luta pela realização de novas eleições presidenciais com um mínimo de honestidade e decência permanece como uma tarefa actual das forças anti-salazaristas

(continuação da 1.ª pág.)

pre: «Nego-me a fazer a mais pequena declaração à policia pelo meu dever de comunista, pela fidelidade que devo ao meu Partido e por respeito à minha própria pessoa humana».

Posteriormente mais duas vezes a odiosa policia politica de Salazar voltou a encarcerá-la durante longos meses, o que, não quebrantando a sua coragem e firmeza politica, contribuiu, contudo, dada a sua avançada idade para o agravamento dos seus padecimentos.

Maria Machado permaneceu fiel ao seu Partido até os últimos momentos da sua bela vida de lutadora. O seu testamento que nos enviou poucos dias antes de falecer e já pressentindo a morte, é uma singela afirmação de coerência revolucionária, de fé nos destinos do povo, de confiança no Partido. Para que o documento escapasse ao controle do inimigo Maria Machado teve de lhe dar uma redacção convencional. Ei-lo:

Lisboa, 1/10/58

Em caso de morte deixo-te tudo o que possuo para que me faças o enterro. Não tenho herdeiros nem bens alguns de raiz, tudo o que possuo são livros, roupas, loiças, lãs e tapetes de Arraiolos.

O meu enterro será civil e sem emblema algum religioso, pois prezo todas as crenças, mas não professo nenhuma religião. Amo em substituição toda a humanidade, ardentemente, e ardentemente amo o meu ideal de harmonia social pelo qual tenho lutado toda a vida.

Desejo que todos os meus papéis íntimos e retratos que se me encontram sejam inutilizados, só recolhendo o que seja impressão, isto é, os meus livros.

O meu enterro será o mais modesto.

Aminha fé nos bons destinos do povo trabalhador não morre comigo, perpetua-se em todos vós, queridos irmãos meus. O futuro será vosso. Nenhum sacrificio terá sido inútil. A humanidade encontrará o seu caminho. Que importa pois que eu não assista à apoteose da humanidade?

Vossa

Maria Machado

Apesar do aparato repressivo da PIDE, que nem na morte deixou de persegui-la, Maria Machado foi acompanhada à última morada por centenas de pessoas que quiseram assim prestar uma derradeira homenagem ao seu elevado espirito de combatente anti-fascista.

O nosso povo a cuja liberdade ela dedicou a sua vida, prestar-lhe-á um dia mais significativas homenagens.

O nosso Partido e o «Avante» inclinam as suas bandeiras ante a memória honrada dum heroica e saudosa camarada, que permanecerá para todos nós como um nobre exemplo de abnegação revolucionária.

ALERTA CONTRA

OS CALUNIADORES

Repetidamente temos afirmado que o anti-comunismo é a estafada capa sob a qual o salazarismo desenvolve uma vasta manobra de divisão das forças oposicionistas afim de quebrar o ímpeto do movimento popular contra o seu regime.

Os salazaristas sabem muito bem que o Partido Comunista tem sido a força mais combativa e consequente da Oposição e por isso concentram sobre os comunistas o seu fogo mas cerrado.

No seu afã anti-comunista, os inimigos do povo deitam mão de todas as armas, desde o assassinato e a tortura contra os militantes comunistas até à calúnia mais soez contra o Partido e os seus dirigentes.

Durante a campanha eleitoral a policia fascista publicou falsos documentos em nome do Partido Comunista, espalhou toda a espécie de boatos e calúnias contra os comunistas, como aquele «famoso» desembarque de armas checoslovas dum submarino russo, e chegou mesmo a espalhar que a rádio Moscovo tinha difundido uma lista de bufos ao serviço da PIDE.

Neste momento, quando as diversas forças anti-salazaristas estreitam os seus laços e se procuram unir, esse recurso à calúnia contra os comunistas — os que mais sacrificios têm feito para a acção comum anti-salazarista — alarga-se de modo a procurar penetrar no próprio seio dessas forças.

Algumas pessoas, umas por ingenuidade política, outras por evidente má fé contra nós, fazem-se eco destas miseráveis calúnias que chegam a atingir a suspeição sobre o Partido.

Esta suja manobra está antecipadamente votada ao fracasso, dada a sua infâmia e absurdez. Entretanto o Partido Comunista julga-se no dever de alertar os anti-salazaristas contra tais calúnias, contra tal forma de procurar dividir os esforços comuns e contra os que as propagam.

O Partido Comunista julga necessário afirmar desde já que responsabilizará todos aqueles que por má fé e ódio anti-comunista se prestam a propalar soezes calúnias da PIDE contra o Partido.

CANDIDO DE OLIVEIRA

O jornal desportivo «A BOLA», fundado por Candido de Oliveira tomou a iniciativa de erigir um mausoléu ao ilustre desportista e patriota falecido em Estocolmo. O «Avante» dá o seu inteiro apoio a esta merecida homenagem. Candido de Oliveira foi um grande defensor da prática sã do desporto em Portugal e, mais do que isso, foi um patriota e lutador anti-fascista que não teve a felicidade de ver a sua pátria libertada da odiosa ditadura de Salazar. Preso em 1941 pela PIDE, quando Salazar

cumpria fielmente os ordens de Hitler, foi selvaticamente torturado pelos esbirros salazaristas que lhe destroçaram os dentes. Depois deportado durante mais de dois anos no campo da morte lenta do Tarrafal, ali arruinou a sua saúde — ruína que não é alheia à sua morte prematura.

Candido de Oliveira era um grande amigo do nosso Partido. Por isso os comunistas têm mais fortes razões para apoiar o simpático gesto de «A BOLA».



Por um salário mínimo vital!

PELA ESCALA MÓVEL DE SALÁRIOS!

A luta dos corticeiros da Margem Sul do Tejo, dos operários da Carris de Lisboa, da Sorefame, da Cip, da Soda Póvoa, da Covina, dos mineiros, dos pescadores, dos assalariados agrícolas do Alentejo e de tantos outros operários e empregados do nosso país põe em relevo o problema central das classes trabalhadoras no momento presente — o aumento geral dos salários, ordenados e vencimentos numa escala correspondente ao aumento do custo de vida.

As necessidades de alimentação, de vestuário, de habitação, de assistência social e de cultura do povo trabalhador, não se resolvem por meio da verborreia demagógica do Ministro das Corporações mas pela mudança radical duma política económica que põe no seu centro o congelamento dos salários como base principal do aumento do rendimento nacional. É preciso que diminuam os lucros fabulosos dos grandes monopolistas para que aumentem os proventos dos que trabalham.

A política dos baixos salários é, além disso, uma das causas principais da situação ruínosa da economia nacional que luta com a falta dum mercado interno pela existência dum baixo poder de compra do povo. Como justamente escreveu o cronista do «DIÁRIO DELISBOA» citando a intervenção do deputado Dr. Dias Rosa na Assembleia Nacional, é preciso «procurar corri-

gir o nosso baixo nível económico, começando por uma alta de salários que permita desenvolver o consumo pelo acréscimo do poder de compra».

As realidades da vida actual mostram, contudo, que não basta lutar por uma alta qualquer de salários em breve anulado por uma nova subida do custo de vida. É preciso lutar, em primeiro lugar por um salário mínimo vital isto é, um salário que assegure a satisfação das necessidades mínimas dos trabalhadores e depois por uma escala móvel de salários, isto é, por salários que subam quando sobe o custo de vida.

O argumento dos fascistas de que não devem aumentar-se os salários para que não subam os preços é um sofisma estúpido com o qual se pretende burlar o povo. Os trabalhadores não têm outra forma de fazer face ao aumento do custo de vida senão lutando por uma subida automática e correspondente dos seus salários.

O salário mínimo de 80\$00 nos primeiros 2 anos de casa e 100 nos seguintes, reclamados pelos operários da Carris na exposição ao ministro das Corporações sobre a revisão do contrato colectivo poderia ser desde já uma base razoável das reivindicações operárias independentemente duma revisão de categorias que melhore a situação dos trabalhadores mais mal pagos.

Só organizados venceremos a batalha dos salários

Os trabalhadores não têm outra arma para obterem a satisfação das suas reivindicações senão a organização e a luta.

A situação exige uma acção imediata e organizada junto do patronato e das autoridades.

O exemplo dos corticeiros da Margem Sul do Tejo, que em grandes assembleias locais e regionais elegeram as suas Comissões de Unidade e discutiram as suas reivindicações, e depois foram apresentá-las aos patrões, à Assembleia Nacional, ao Ministro das Corporações e aos jornais, é um exemplo útil para todos os trabalhadores.

Só bem unidos e organizados conseguiremos um salário MÍNIMO VITAL E A ESCALA MÓVEL DOS SALÁRIOS!

O DESEMPREGO ALASTRA NO ALENTEJO CONCENTRAÇÕES E OUTRAS LUTAS POR TRABALHO

O desemprego praticamente total atinge os assalariados agrícolas alentejanos desde que terminaram as ceifas. A fome campeia nos seus lares. A G.N.R., atemoriza as populações. Em várias aldeias, muitos camponeses têm sido chamados aos postos e espancados selvaticamente. É neste ambiente de miséria e repressão que os assalariados agrícolas alentejanos lutam por trabalho.

Em SERPA, 40 desempregados foram

tinham o apoio dos dirigentes sindicais, de algumas autoridades locais e mesmo de alguns dos párocos da região, o Ministro das Corporações promoveu uma reunião com os dirigentes sindicais no dia 14 de Outubro.

Nessa reunião o ministro fartou-se de elogiar as «grandes» medidas tomadas por ele salientando o facto «extraordinário» dos corticeiros serem dos poucos que «gozam de garantia de trabalho de 3 dias por semana».

Apesar de tão grandes «benefícios» o ministro viu-se obrigado a exarar um despacho que prorroga para 31 de Dezembro o prazo para a revisão dos quadros do pessoal permanente.

Este resultado constitui um êxito parcial da luta da classe corticeira mas está longe de resolver a sua angustiada situação. Em primeiro lugar são apenas abrangidos os operários do quadro permanente e estes mesmos só até 31 de Dezembro. Centenas de operários advençentos poderão desde já ser lançados no desemprego sem quaisquer contemplanções. Depois não se diz uma palavra sobre a garantia de 6 dias — o que significa que os operários corticeiros vão viver agora um período mais agudo de desemprego parcial — nem sobre o aumento de salários, nem sobre o levantamento das restrições ao comércio com o Leste.

Os corticeiros não ficaram, por tudo isto, satisfeitos com o despacho ministerial e vêm-se obrigados a continuar a sua luta unida.

Os processos até agora usados alguma coisa conseguiram e devem continuar a ser empregados. Mas não se deve pôr de lado o recurso a formas mais energicas como as reduções de produção e mesmo a greve, para impedir que a classe seja lançada nos horrores do desemprego.

TRABALHADORES DE MÉRTOLO 2 DIAS EM GREVE

Os trabalhadores de cargas e descargas do cais de Mértola recorreram à greve para conseguirem um aumento de \$20 e \$50 em cada saca de adubo, isto é, queriam ganhar 1\$00 nas sacas pequenas (50 quilos) e 2\$00 nas grandes (100 quilos).

A PIDE, a GNR, o Presidente da Câmara e o próprio Governador Civil procuraram forçar os operários a pegar no trabalho, mas estes resistiram corajosamente a estas pressões, mantendo-se em greve durante 2 dias e só foram trabalhar quando conquistaram uma satisfação parcial das suas reivindicações: o pagamento dos sacos grandes a 2\$00.

ÁLVARO CUNHAL

Continua ilegalmente preso.

Assinai o Apelo para a sua Libertação!

LUTA CORTICEIRA

(continuação da 1.ª pág.)

nário do sindicato avistou-se com o sub-delegado do INT de Setúbal. No dia 17 cerca de 90 operários da fábrica Beatriz da Calçada foram igualmente ao sindicato, e uma comissão avistou-se também com o delegado do INT. No dia 18 várias dezenas de operários foram ao sindicato conhecer a resposta às suas reclamações e no dia 19 cerca de 80 operários e operárias concentraram-se junto da Câmara Municipal e pediram ao presidente que intervisse junto do governo para sustar a ameaça de despedimento.

Uma vitória na Piedade

Em 15 de Setembro um aviso da fábrica Aprígio despedia 40 operários os quais nesse mesmo dia se concentraram no sindicato de Almada e como ninguém estivesse para os receber voltaram no dia seguinte. A ordem de despedimento acabou por ser anulada.

Também no Algarve os corticeiros lutam

Em Faro os operários corticeiros fizeram em Agosto uma concentração no Sindicato onde levantaram assuas reivindicações: aumento de salários e novo contrato colectivo.

Em Silves, numa larga reunião de corticeiros, em Setembro, assentaram na necessidade de lutar por um contrato onde fiquem assegurados os 6 dias de trabalho e 40% de aumento dos salários.

A luta toma características regionais

Conscientes de que só solidari-

zando-se conseguiriam fazer escutar as suas reclamações os corticeiros do Seixal Amora, Almada, Piedade, Barreiro, Montijo e Alhos Vedros decidiram criar uma comissão regional, unificar a sua acção e canalizá-la também para as autoridades superiores. Depois de algumas assembleias regionais resolveram elaborar uma exposição da classe.

No dia 9 de Outubro mais de 80 operários, representando todos os centros corticeiros da margem Sul do Tejo e também os corticeiros de Lisboa, conseguiram ser recebidos pelo presidente da Assembleia Nacional. Ele próprio lhes disse que já os esperava pois tinha recebido muitos telegramas de apoio à comissão de corticeiros. Afizeram a entrega da exposição, com alguns milhares de assinaturas e onde se afirmam as reivindicações imediatas da classe:

- Anulação das ordens de despedimento e garantia dos 6 dias de trabalho;
- Aumento de salários de acordo com o aumento do custo de vida;
- Relações comerciais livres com todos os países como maneira de solucionar rapidamente a crise.

Apesar de terem entregue esta exposição nos jornais diários e em alguns destes terem fornecido outros dados, nenhum deles se referiu a estes factos porque, sabêmo-lo, a censura o proibiu.

As medidas de ministro das Corporações não resolvem a situação

Pressionado pelas importantes acções dos operários e operárias corticeiros da Margem Sul, que

ao posto da G.N.R. reclamar trabalho e 2 trabalhadores foram a Peja entregar ao Governador Civil uma exposição assinada por cem desempregados. Depois destas delícias, 70 deles foram empregados numa obra mas em condições desumanas e sob ameaças, insultos e provocações e mais 20 numa estrada ganhando 2\$00 nas 10 horas.

Em ALDEIA NOVA, no dia 27 de Setembro, 150 desempregados concentraram-se na Casa do Povo a exigir trabalho. Em A-do-Pinto, muitas dezenas de trabalhadores concentraram também na Casa do Povo, o mesmo fazendo 50 camponeses de Pias que foram à Casa do Povo pedir trabalho.

Em muitos casos, os empreiteiros e as próprias Câmaras Municipais procuram aproveitar-se da miséria dos trabalhadores para lhes pagarem salários vexatórios. Foi o que sucedeu em S. AMADOR onde no trabalho duma estrada estavam a pagar 18\$00 nas 10 horas. Os trabalhadores reclamaram 5\$00 por hora e como a sua reivindicação não fosse atendida FORAM PARA A GREVE QUE SE PROLONGOU DURANTE UMA SEMANA. Só depois de conquistarem um aumento de 1\$00 retomaram o trabalho.

Em muitas localidades, os camponeses como forma de atenuar a sua miséria tem ido à caça em grandes grupos.

AMIGOS DO PARTIDO

JUNHO 1958		Queremos novas eleições	
A criança	13.50	Sputnik II	476.20
Alentejano (P)	10.00	Idem (A)	30.00
Álvoro		Um emi. do P.	500.00
Cunhal (H)	100.00	Um emi. do	
Amigos do povo	10.00	Um governo sem Salazar e S. Costa	37.50
Ami. da Pátria	10.00	Um simpatisante	40.00
Amizade à URSS	10.00	Uma jovem	20.00
Ao Partido	5.00	Unidos venceremos (C)	68.60
Aos grevistas de Bealício	20.00	Unificação da Creia	15.00
As mulheres vencem	30.00	Viva A. Cunhal TV	40.00
Aza	100.00	4 Amigos (E)	60.00
C. Costa (A)	70.00	JULHO 1958	
Certeza no futuro	705.00	Alberto B	50.00
Família ami. do Partido (B)	50.00	Direitos humanos	79.50
Liberdade para J. Vio-rijo	500.00	J. Amado	84.00
Liberção presos pol.	150.00	J. Moreira J	15.00
Lutar para vencer (B)	20.00	Marinho ver.	25.00
Lutar sem descançar	7.00	Póis da Paz	24.00
Maridino	60.00	Pela realização terefãs V.ª Con-gresso	100.00
Mineiros progressistas	7.50	Pro-Anistia V	9.00
Mineiros var.	21.50	Sengue ver.	20.00
Operários CUF		Idem	5.00
lutar aumento salários	50.00	Trio vermelho	17.50
Podreiro var.	10.00	Uma ami. do P.	10.00
Pela realização terefãs		Vilmes da re-pressão	20.00
V.ª Con-gresso	100.00	Viva A. Cunhal TV	62.00
		3 Ami. do P.	15.00
		TOTAL	5.106.80



PELA SUSPENSÃO DAS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

Correspondendo aos anseios dos povos, a União Soviética suspendeu, em 31 de Março, as experiências nucleares e convidou os Estados Unidos e a Inglaterra a acompanhá-la nesta decisão. Qual a sua resposta? Intensificaram em ritmo crescente as suas experiências. Só os Estados Unidos efectuaram nesse período 40 explosões experimentais. Foi isso que levou o governo da URSS a recomendar as experiências, tendo em conta os interesses da segurança da União Soviética e da paz mundial.

Os círculos imperialistas tentaram justificar este comportamento alegando não ser possível controlar as experiências nucleares e portanto não ter validade qualquer acordo de suspensão. A Conferência de Genebra dos peritos atomistas, realizada em Agosto, com representantes dos países socialistas e dos países da NATO, demonstrou, no entanto, essa falsidade destinada a iludir a vigilância dos povos.

Apesar da Conferência ter concluído haver «possibilidades de verificação das violações de um eventual acordo respeitante à suspensão das experiências nucleares», americanos e ingleses têm erguido toda a espécie de obstáculos a este acordo e, mesmo agora, na moção que apresentaram à Comissão Política da ONU, fazem depender a suspensão das experiências das conversações que terão lugar em Genebra a partir de 31 de Outubro.

Tem sido sempre com expedientes deste género que os imperialistas americanos se têm furtado à grande campanha que as forças da paz, com o apoio dos povos do mundo inteiro, vem desenvolvendo pela proibição das experiências atómicas. E porquê? Porque não perderam o sonho utópico descrever os futuros dominadores do mundo, porque o clima de tensão é o mais propício às baixas manobras do capital financeiro, porque as bombas atómicas e, conseqüentemente, as experiências são indispensáveis à

política «à beira do abismo» isto é, à beira da guerra, não do gosto do sr. Dulles.

A intensificação de luta

No Congresso para o Desarmamento e a Cooperação Internacional, realizado em Julho passado, em Estocolmo (com a participação de uma delegação portuguesa), e na IV Conferência para a interdição das experiências atómicas, realizada em Tóquio, concluiu-se justamente que para vencer estas maquinações da diplomacia imperialista e aliviar a humanidade da ameaça das armas de extermínio colectivo, é imperioso intensificar e alargar a luta com esse objectivo decidiu-se fazer de Outubro um

mês de acções conjuntas.

Por todo o mundo as massas trabalhadoras, os activistas da paz e as pessoas de boa vontade estão a responder da melhor forma este apelo, organizando grandes comícios e promovendo grandes acções de massas. A Federação Sindical Mundial integrando-se neste conjunto de acções recomendou aos seus 83 milhões de aderentes a realização de uma semana de solidariedade operária com vista à suspensão das experiências atómicas. Idêntica recomendação foi dirigida pelo Movimento Internacional das Mulheres aos seus milhões de filiadas.

Não pode o povo português, tão ameaçado pelo perigo atómico conseqüente da política salazarista,

permanecer alheio às importantes acções agora realizadas por todo o mundo. A classe operária e os demais trabalhadores, os intelectuais, os jovens e as mulheres do nosso país deverão fazer ouvir a sua voz, realizando para isso as iniciativas que melhor se adaptem às circunstâncias nacionais, dentro de uma grande campanha de esclarecimento e de acção para a suspensão imediata das experiências atómicas. O envio de cartas e moções aos governantes salazaristas, ao de Portugal na ONU e às embaixadas americana e inglesa, são formas de participação dos fascistas portugueses nesta campanha.

PELO MUNDO FORA...

FINLÂNDIA — Nos dias 6 e 7 de Julho passado realizaram-se as eleições para a Câmara dos Deputados. Os 200 lugares ficaram assim distribuídos:

Partido Comunista.....	50
Partido Social-Democrata..	48
Partido Agrário.....	48
Partido Conservador.....	29
Partido Popular Sueco.....	14
Partido Popular Finlandês..	8
Soc.-Democratas Independentes...	3

Pela primeira vez os comunistas aparecem à frente como o Partido com maior número de lugares. Nas últimas eleições (1954) ficara em terceiro lugar, com 43 deputados, enquanto o P. Social-Democrata tinha 54 e o P. Agrário 53.

Não temos ideia de ler esta notícia em nenhum dos jornais portugueses. Porque teria a censura cortado esta informação?

IRAQUE — Todos sabemos da revolução que se deu neste país no dia 14 de Julho deste ano. Essa revolução que, em poucas horas, derrubou o reino haquemita e implantou uma República que se dispõe a defender os interesses nacionais dos iraquianos, correspondeu aos mais fundos anseios populares. Tudo

isto é conhecido.

Mas talvez não se tivesse reparado que, muito pouco tempo antes, em 5 de Maio, tinha havido «eleições» no Iraque e tinham sido «eleitos» 130 deputados de partidos que apoiavam o governo de Nuri-es-Said e mais 15 «independentes» não hostis ao governo. (Nuri-es-Said era o férreo ditador fascista do Iraque, morto durante os acontecimentos revolucionários). Que belas eleições... à Salazar!

VENEZUELA — Como se sabe foi a acção das massas populares o factor decisivo para o derrubamento da ditadura de Perez Gimenez em 23 de Janeiro. Entretanto foi uma Junta exclusivamente militar que tomou então conta do poder. Pressionada sempre por manifestações e outras acções populares, essa Junta teve de aceitar posteriormente a participação de civis e a coadjuvação do Comité de Libertação Nacional na governação do país. Neste Comité, que foi o dirigente e orientador das acções de massas que conduziram à revolução, estão representados todos os partidos políticos.

Mas os elementos ligados ao regime fascista não desarmaram.

Em 23 de Julho o ministro da Defesa apresentou ao presidente da Junta, alm. Larrazabal, um verdadeiro ultimatum para a saída de todos os postos governativos dos membros dos partidos de esquerda (Acção Democrática e Partido Comunista).

Logo que isso foi sabido, a população de Caracas concentrou-se junto do palácio do governo disposta a defender por todas as formas as liberdades democráticas. A sua acção decidida obrigou à demissão do ministro da Defesa.

Agora, em 7 de Setembro, um golpe da policia militar pretendeu forçar a demissão do governo.

De novo as massas populares se lançaram na luta defendendo vitoriosamente o governo. Depois os trabalhadores fizeram uma greve geral de protesto até a Junta resolver punir exemplarmente os responsáveis pelo golpe fascista.

No dia 8 o alm. Larrazabal assegurou que penas severísimas seriam aplicadas aos responsáveis e só então a greve acabou.

A situação na Venezuela é bem um exemplo de como a unidade das forças anti-fascistas, apoiada nas massas populares, pode derrubar uma ditadura fascista e depois defender e ampliar as conquistas democráticas.

NOTAS E COMENTARIOS

— No acto de posse do vice-presidente da Junta de Acção Social, o ministro das Corporações, aludindo ao «seu» Plano de Formação Social e Corporativa, disse que ele está a chamar cada vez mais a atenção de outros países «não tanto por podermos ser considerados pioneiros...»

Pois claro, sr. ministro! Os pioneiros foram os srs. Hitler e Mussolini que tiveram um fim tão glorioso.

— O deputado Abel Machado disse na Assembleia Nacional: «falta construir 3.600 km de estradas rurais do plano rodoviário de 1945».

Como o eng. Brito e Cunha calculou as necessidades de construção de estradas rurais em 6.310 km, a resolução de tão importante problema só estaria completada já para o ano 2.000... se nessa altura ainda existisse o moribundo regime salazarista.

— Se juntarmos a isto o facto de existirem actualmente 11.201 povoações de mais de 100 habitantes e 15.000 de menos de 100 habitantes sem abastecimento de água sanitário — o que no dizer do eng. Amarel Neto levará 160 anos a resolver à cadência dos últimos 5 anos! — perceber-se-á melhor porque, além dos factores políticos, Salazar adiou as eleições para as Juntas de Freguesia.

— Um balanço verdadeiramente desanimador da politica de rega do governo foi feito na Assembleia Nacional pelo sr. Nunes Mexia.

Vejam os campos da Idanha — irrigado previsto: 8.090 hectares, máximo irrigado em 1956: 3.752 h.; Vale do Sado previsto: 9.613 h., máximo regado: 4.787 h.; Vale do Liz — não se fornece às culturas a água necessária; Vale do Sorral — previsto: 16.615 h., mas já se admite a redução da área regada.

Nesta ordem de ideias é natural que dos 172.935 hectares de regadio previstos no plano de rega para o Alentejo só se consigam regar um «máximo» de 80.000 h.... daqui por 24 anos.

Ora bolas para as previsões!

— O eng. Pereira da Cruz disse na Assembleia Nacional que com a electrificação das linhas de Sintra, Porto-Lisboa e arredores do Porto a CP economizará 158.000 contos anuais, enquanto que o imposto sobre a camionagem subiu de 181.000 contos em 1956 para 195.000 em 1957, imposto que o governo se prepara para aumentar ainda mais.

Toda a gente sabe que um comboio é muito mais forte que um comboieiro... e que os sr. Drs. Albino dos Reis e Mário de Figueiredo são também tronfos muito fortes.

INDUSTRIAS CONSERVEIROS CONTRA A POLITICA DO GOVERNO

A crise em que se debate a indústria conserveira, numa grande parte resultante da politica salazarista de descriminação em relação aos mercados dos países socialistas, o governo acaba de juntar uma nova dificuldade.

Até aqui os industriais conserveiros podiam pôr a sua produção no armazém do Grémio recebendo logo 80% do seu valor, regalia esta a que o governo pós, recentemente, termo o que colocou em sérias dificuldades muitos industriais sobretudo os mais modestos, que recorriam a este processo.

Contra esta medida levantaram-se todos os industriais de Olhão, com excepção da fascista Ramirez, que enviaram uma exposição ao Sub-Secretário da Economia-Industria, com mais de 40 assinaturas, onde pedem que lhes seja de novo concedida aquela facilidade e solícitem a abertura de novos mercados.

PARA OS MIL CONTOS

Transp. 331.503\$50	Castor 70.00	Os irmãos unidos 81.00	Idem Uma mãe 1.000.00
À mem. do cam. € 1040	Coupon 50.00	P. os mil contos (F) 300.00	Unidade p. a democracia 100.00
Putuleia 25.00	€ 1281 20.00	Pátria socialista 50.000.00	Idem Valente democrata 200.00
Idem 100.00	€ 1291 50.00	Paz é Democracia F 222.50	Vamos p. a frente 140.00
A luta cam. 30.00	€ 1292 50.00	Pela Vitória 40.00	Idem 110.00
A Paz X 10.00	€ 1995 50.00	Pelo derrubamento salazarismo 300.00	Idem 65.00
Abaixo a censura 20.00	€ 1866 50.00	Pelo Partido 25.00	Vitória é certa 110.00
Abaixo o fascismo 5.00	€ 1870 20.00	Pelo progresso do P. S 60.00	Viva Alvaro Cunhal TV 175.00
	€ 1960 20.00	Pelo triunfo do socialismo 50.00	Viva o proletariado 30.00
África livre 6.000.00	3953 a 3954 € 5013 5.000.00	Pescador ver. 500.00	X 7.20
Idem 8.000.00	Coupons 60.00	Idem 500.00	3 amigos 25.00
Idem 1.800.00	Gloria a M. Cachin M 6 800.00	Presentes na luta O 20.00	3 Amigos do Ribatejo 34.00
Alfredo Lima T 30.00	Heróicos camponeses 10.00	Pró Amnistia V 200.00	1 coupon 100.00
Alentejanos amigos 100.00	J. J. Martins Rodrigues 50.00	Progredindo de novo 100.00	Idem 50.00
Idem 30.00	José Magro 500.00	Resto coupon 5.00	Idem 10.00
Idem 55.00	Kolkosianos 1.000.00	Rosa vermelha 10.00	Idem 40.00
Idem 30.00	Lénine X 45.00	Sangue ver. 32.50	Idem 45.90
Alvaro Cunhal 230.00	Liberdade dem. presos 80.00	Saudoso A. Tavares 1.000.00	Idem (S) 200.00
Aida Magro X 46.50	Liberdade dem. M. Grande 50.00	Idem 50.00	Idem 60.00
Amigo do progresso (S) 100.00	Libertação Georgele X 88.00	Idem 5.000.00	Idem 30.00
Ami. do Gen. Delgado 15.00	M. Machado B14.00	Idem 5.000.00	Idem 40.00
Amigos do socialismo 34.00	Militar X 200.00	Idem 600.00	Idem 30.00
Asas de avião 300.00	Índia 40.00	Idem 5.000.00	Idem 100.00
Avã Alex 200.00	Mineiros ver. 3.50	Idem 9.00	Idem 150.00
Avante cam. 27.00	O povo vence 5.00	Idem 20.00	Idem 252.50
Benito Gonçalves 224.00	Oferta descomedida 50.00	Idem 10.00	Idem 20.00
Boião ver. 20.00	Operário ver. 100.00	Idem 10.00	Idem 20.00
Cam. Alex S 45.00	Operários M. Operários M. S. do Tejo 70.00	Idem 1.000.00	Idem 438.664.70
Campanha dos mil 2.50	Idem 1.700.50		
Caldeirinha 20.00			
Camponeses V. 10.00			
Carlos Costa 5.00			
Idem 5.00			